

## 1. CONJUNTURA INTERNACIONAL

O Capitalismo, embora propague ser um regime de liberdades, encontra-se em crise estrutural internacional. Demonstrativos do endurecimento do regime do capital podem ser verificados nos diversos ataques que são feitos aos trabalhadores, em especial nos países ditos subdesenvolvidos, com o desemprego, os baixos salários, o aprofundamento da política neoliberal com privatizações, destruição dos serviços públicos, dos direitos sociais e trabalhistas se aprofundando cada dia mais e rebaixando ainda mais o nível de vida dos trabalhadores, o qual já se encontra precário.

As grandes corporações e bancos são os que ditam as regras do mundo capitalista e os Estados estão submetidos a eles. Nas últimas décadas houve um aumento absurdo da dívida pública em todos os países, onde os Estados assumiram o papel de resgatar o capital financeiro em crise (bancos, financeiras e empresas de especulação), às custas da retirada de direitos dos trabalhadores. Por isso, os capitalistas vão continuar tentando aprovar as reformas com a argumentação do controle fiscal e nos países em que as reformas já foram implementadas, tratarão de aprofundá-las.

Estamos presenciando diversos planos de austeridades no mundo todo, dos quais são exemplos: a reforma trabalhista na França, as demissões de servidores públicos na Grécia, contrarreformas implementadas na Argentina e no Brasil etc; trata-se de medidas para continuar garantindo as taxas de lucros às custas da exploração de trabalhadores e povos nativos. Mas, também, estamos presenciando a resistência dos trabalhadores, que promovem diversos protestos nas ruas e com greves sendo realizadas no mundo todo denunciando a exploração, as opressões (sexismo, racismo, homofobia, xenofobia) e a desigualdade do sistema capitalista.

Segundo relatório da ONG britânica Oxfam, o 1% mais rico da população mundial possui a mesma riqueza que os outros 99%, e apenas oito bilionários possuem o mesmo que a metade mais pobre da população no planeta. Por outro lado, a pobreza é realidade de mais de 700 milhões de pessoas no mundo.

Neste sistema, nada mais importa além do consumo e o lucro, inclusive a destruição do equilíbrio ecológico do Planeta. A proliferação de doenças proveniente do desequilíbrio ecológico, as guerras e as milhões de mortes, as milhões de pessoas refugiadas, as repressões aos movimentos sociais, o extermínio da população pobre e preta são apenas algumas das demonstrações de como o capitalismo está interessado no lucro em detrimento da vida.

Com o avançar da crise estrutural do capitalismo e o desenvolvimento destes fenômenos, a situação política e a luta de classes se tornam cada vez mais agudas e violentas, se apresentando os conflitos regionais ou mesmo os conflitos de caráter fascista, em detrimento dos regimes democráticos e dos direitos humanos, sobretudo das minorias.

Estamos presenciando as tendências dos conflitos regionais envolvendo Israel/Palestina, Rússia, Irã, Coreia do Norte, EUA e Venezuela. Estamos presenciando as tendências reacionárias nacionais (presentes na representação da grande burguesia e em seguimento da pequena burguesia) no Brasil, manifestando mais claramente desde os movimentos de rua de 2013 até os movimentos dos “camisas amarelas” e do “patos”. Estamos presenciando as tendências reacionárias e até fascistas em vários pontos do globo e, no entanto, a manifestação de maior envergadura e turbulências envolvendo diretamente a maior força imperialista, os Estados Unidos.

Por outro lado, os trabalhadores do mundo todo resistem e lutam contra o mesmo inimigo, por isso, a classe trabalhadora é uma só. A greve internacional de mulheres 8M, impulsionada após a posse de Trump nos EUA em 2017, e repetida em 2018, com destaque especial para a greve na Espanha em que se chegou a paralisar mais de 5 milhões de trabalhadoras, é o maior exemplo de resistência.

Dessa maneira, devemos procurar reforçar os laços de apoio às trabalhadoras e trabalhadores de todos os países, vítimas do sistema capitalista como um todo. Nos solidarizamos com sua luta em todo o mundo, que enfrentam as mazelas do capitalismo, que lutam contra o desemprego, a precarização dos serviços públicos e das relações de trabalho, o machismo, o racismo e a LGBTfobia.

A solidariedade de classe e o internacionalismo são fundamentais, apenas com unidade e enfrentamento internacionalista podemos combater as mazelas do capitalismo e sua burguesia imperialista rumo a mudança social.

Que o SinTUFABC:

- Denuncie o genocídio dos povos palestinos;
- Fortaleça a greve internacional das mulheres - 8M;
- Dê visibilidade às lutas dos trabalhadores do mundo contra as mazelas do capitalismo.

## **2. CONJUNTURA NACIONAL**

No Brasil a “marolinha” de 2007/2008 chega com força em 2014/2015 e a grande burguesia se aproveita deste fenômeno, transformando a crise econômica em crise política, retirando do poder o governo de frente popular do PT (pois a burguesia não

necessita mais da sua política de conciliação de classe), em conjunto com o movimento “camisa amarela” e do “pato”, setores pequeno-burgueses que têm seus privilégios de classe ameaçados, para a entrada de governos que representam os interesses da burguesia, de retiradas de direitos, anti-democrático e reacionário e, assim, iniciando um duro golpe aos trabalhadores.

O Governo de Temer, que foi empossado já antes mesmo do impeachment de 2016, e o Congresso Nacional, em pouquíssimo tempo, implementaram drásticas reformas na legislação social: Congelamento dos investimentos públicos, em especial na saúde e educação, através da PEC 55 (por 20 anos), a Reforma Trabalhista (que desfigurou a CLT), duas leis sobre Terceirização e trabalho temporário, reforma do Ensino Médio e da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), ataque à autonomia das Universidades por parte dos custeios, nas disciplinas e até mesmo no processo democrático de escolha da reitoria, no caso da UFABC, dentre outras fortes incursões na legislação de privatizações e de desmonte do Estado. Também não está eliminado o risco real de uma Reforma da Previdência Social. No entanto, a política de conciliação de classe do governo PT também deixou aos trabalhadores diversas consequências ruins, tais como: início da reforma da previdência, lei antiterrorismo e ajuste fiscal, aprofundadas após o impeachment.

Destacamos que a aprovação das contrarreformas foi lograda graças também às burocracias sindicais e suas centrais, que desmobilizaram as greves gerais, visando acordos para o imposto sindical (na Reforma Trabalhista) e objetivos eleitoreiros.

Não somente na área social o governo de Temer vai produzindo políticas prejudiciais à população. Na Segurança, o Temer reafirma seu caráter reacionário com a intervenção militar no Estado do RJ, ato de apelo midiático que pode arriscar os direitos humanos da população civil do estado, e que pode significar também a ampliação da lógica autoritária enquanto mecanismo para implementar soluções de força, sobretudo sobre a população pobre e negra e que sofre com a violência policial, das autoridades estatais e também em razão do controle paralelo das prisões, das comunidades e dos trabalhadores.

Em conjunto ao governo de Temer, a mídia burguesa produz um desfavor à sociedade, distorcendo e omitindo informações sobre a crise econômica, a função/importância dos serviços públicos prestados, sobre os gastos públicos e sobre a reforma da previdência. Chegam ao ponto de fazer uma campanha de desmoralização dos servidores públicos. No entanto, não falam a respeito da dívida pública que consome 30% dos recursos da Previdência Social e Seguridade Social em nome das DRUs (desvinculação de receitas da União) e as renúncias fiscais que isentam as grandes empresas e bancos.

Um novo relatório da ONG britânica Oxfam, a respeito da desigualdade social no Brasil, mostra que os seis brasileiros mais ricos concentram a mesma riqueza que os 100 milhões de brasileiros mais pobres. Os dados estão no relatório A Distância Que Nos Une, lançado em 2017 pela Oxfam Brasil.

Nesse panorama, o movimento sindical e os trabalhadores como um todo receberam duros ataques, mas não tem havido unidade para resistir aos atos implementados por Temer e suas alianças no poder político - Congresso Nacional - e no poder econômico (multinacionais, bancos e altos rentistas que vivem de especulação, sem gerar renda e sem produzir um emprego qualitativo sequer).

O Congresso do SinTUFABC defende que as direções sindicais devam romper com a burocracia, com o corporativismo e o sindicalismo reformista, colocando em primeiro plano a organização dos trabalhadores com independência de classe, politizando as pautas e tendo unidade e solidariedade com todas as categorias de trabalhadores e movimentos sociais, mostrando que o fim da exploração e da desigualdade apenas se dará com o fim do capitalismo e não nas urnas/eleições burguesas.

Apesar de não haver ilusões com as eleições, devemos reconhecer que estamos passando por um momento conjuntural delicado, devemos passar por uma eleição extremamente polarizada, onde as forças reacionárias se posicionam cada vez mais à direita, e ainda se tem a perspectiva de força eleitoral para um ascenso projeto de conciliação de classes. Estas perspectivas eleitorais nos exigem um posicionamento claro contra a Direita e seu projeto Neoliberal, suas expressões mais reacionárias, e também nos posicionando fortemente contra mais uma tentativa de conciliação de classes. Defendemos que a esquerda socialista se coloque nestas eleições com programa claramente anticapitalista, de mudanças radicais na sociedade, e de revogação de todas as medidas de ajuste fiscal e contrarreformas, mostrando-se como a real alternativa para os problemas da classe trabalhadora.

Neste sentido, entendemos que é fundamental que o SinTUFABC se una aos movimentos sociais e a base trabalhista que, consciente ou não, se movimentam na reivindicação de seus direitos, em uma ampla campanha de esclarecimento aos trabalhadores do papel que joga a grande burguesia e das tendências reacionárias e até fascistas e neoliberais, inclusive ao nível mundial. A construção de um bloco de hegemonia trabalhadora e popular, com um Programa Político de Unidade das Esquerdas Socialistas amplamente discutido, é a principal via de resposta ao impasse que vive a sociedade brasileira.

Enfim, conclamamos a todos os militantes de base e ativistas das diferentes correntes políticas, as organizações que reivindicam o socialismo e a defesa dos trabalhadores, bem como os assalariados em geral, a juventude, as mulheres, os coletivos de periferia, raciais, LGBTT e as associações diversas do campo e da cidade, que se incorporem na defesa de um plano de luta, de organização e de formação rumo a vitória do trabalhador nacional e mundial. Para isso, esse Congresso aprova que o SinTUFABC:

- Ter uma atuação classista e independente;
- Articule um debate regional que aglutine a unidade proposta, visando debater a conjuntura e a necessidade de tirar encaminhamentos de lutas e definição de ações. O resultado do debate também será encaminhado à nossa Federação – FASUBRA, com a proposição de um calendário de paralisações nacionais;
- Comparecimento aos atos de rua que defendem os interesses dos trabalhadores e a garantia de um estado democrático de direito, respeitado o direito de crítica e podendo levantar as nossas bandeiras de luta;
- Fortalecimento da CSP-Conlutas, inclusive na nossa Federação Nacional (FASUBRA);
- Contra a intervenção militar no Estado do Rio de Janeiro;
- Contra a Reforma da Previdência e pela revogação de todas as medidas de ajuste fiscal e contrarreformas;
- Contra os ataques a autonomia universitária e a educação básica.